



## As barreiras da fala



Crianças com distúrbio na comunicação merecem atenção especial dos pais e tratamento especializado, como orienta o Conselho Federal de Fonoaudiologia (CFFa).

Quando criança, sofremos com diferentes tipos de brincadeiras, apelidos e situações constrangedoras dignas da idade. Uso de óculos, aparelho nos dentes, corte de cabelo, sobrepeso e alguma dificuldade na fala são motivos de piadas entre os pequenos. Na adolescência, período marcado por diversas transformações corporais, hormonais e até mesmo comportamentais, o assédio aumenta.

Hoje, essa prática é conhecida como bullying e de tão ofensiva ganhou apoio do poder público por meio do Projeto de Lei 7457/10 de autoria da deputada Sueli Vidigal, PDT/ES, que tramita na Câmara dos Deputados em Brasília. É preciso que os pais ajam rápido em casos de atos violentos ou ao perceber dificuldades na fala, leitura ou aprendizado, evitando que seus filhos sofram com algum tipo de humilhação que possa prejudicar a sua formação e interação com a sociedade.

José Eduardo de Saboya Pinheiro Pereira, 7 anos, conhece de perto a realidade do bullying. Após a separação dos seus pais, em 2006, ele ficou sem falar por 20 dias e depois começou a gaguejar e trocar o "r" pelo "l". Na época, ele tinha 3 anos e sua mãe, Sabrina de Saboya, recorreu a ajuda de um fonoaudiólogo. "Na escola diziam que ele tinha voz de bebê e falava esquisito", lembra Sabrina.

O tratamento especializado beneficiou mãe e filho que aprenderam a lidar com o distúrbio. "Não o deixava fazer nada sozinho por receio das ofensas. E, sem querer, eu estava limitando o convívio do meu filho com outras crianças." Sabrina aceitou o problema e aprendeu a respeitar o espaço dele. "José Eduardo, hoje, só gagueja quando está nervoso e se alguém faz algum comentário sobre a sua fala ele assume a dificuldade".

A presidente do Conselho Federal de Fonoaudiologia (CFFa), Tânia Coelho, ressalta que o tratamento especializado é fundamental para não haver atitudes erradas em relação à fala da criança, o que pode se tornar uma patologia no futuro. "Dependendo da personalidade, alguns indivíduos se fecham para as experiências sociais e acabam sendo privados de novos conhecimentos. Isso pode atrapalhar o aprendizado", alerta.

**PREVENÇÃO PRECOCE** – Quando ocorre na infância, devido a uma disfunção do controle motor e temporal da fala, a gagueira tem grandes chances de resolatividade, já na fase adulta, seu prognóstico é pior, mas com tratamento adequado é possível minimizar e controlar suas manifestações.

A fonoaudióloga Luzianne Fernandes de Oliveira, de Belém, recomenda atenção dos pais nos casos de crianças (de 18 meses até 7 anos) que estão na fase de aquisição ou desenvolvimento da linguagem e apresentem alguns momentos esporádicos de bloqueios, repetições ou prolongamentos de sons, sílabas, palavras ou outros distúrbios de comunicação.

"É importante ouvir a sua fala com atenção, mostrar que está disponível para ouvi-lo e evitar competir com a criança na hora em que ela estiver falando." A fonoaudióloga, especialista em Linguagem e Motricidade Humana e Oral, indica ainda a leitura de livros apropriados para estimular o pensamento, pedindo para que a criança também conte e construa narrativas. "A persistência além de 6 meses, dessas características, merece cuidado de um fonoaudiólogo especializado no distúrbio", destaca. A participação da família torna-se necessária em muitos casos a fim de auxiliar na reorganização ambiental durante o processo terapêutico e prognóstico desta criança.